



revista Eptic

v. 28, n. 2, maio-ago., 2026
ISSN: 1518-2487

Apresentação

César Bolaño e Helena Martins



Creative Commons



Atribuição



Não comercial



Compartilha igual

<https://br.creativecommons.net/licencas/>

A publicação deste número da Revista EPTIC, dedicado ao debate sobre imperialismo, informação e cultura na fase da digitalização, tem um significado especial. A América Latina sofre hoje uma agressão imperialista de enorme magnitude. Cada eleição, para ficar no exemplo de uma disputa social mais aberta, apresenta-se como justificativa para o ataque imperialista, enquanto os mecanismos de mediação social, organizados em torno de um renovado sistema global de cultura, oferecem os meios a serviço do capital monopolista e do imperialismo, e têm sido manejados com grande eficiência na constituição de um polo continental de extrema direita altamente adequado ao novo projeto de dominação.

O surgimento da Economia Política da Comunicação (EPC) na América Latina, é bom lembrar, apresentava-se como crítica aos estudos chamados da dependência ou do imperialismo cultural, que predominavam no campo crítico da Comunicação nos anos setenta do século passado. Não se tratava, no entanto, de uma crítica externa, como no caso dos Estudos Culturais, mas de uma crítica interna, marxista, que buscava na obra teórica madura de Marx, especialmente n'*O Capital*, os fundamentos para a crítica da economia política da comunicação, da informação e da cultura. Tratava-se, em essência, de esclarecer o caráter capitalista do desenvolvimento do sistema global de cultura e as determinantes internas da exploração, inclusive para compreender com mais precisão a dominação imperialista.

O acerto da crítica evidencia-se no fato de que os teóricos vinculados aos estudos do imperialismo cultural acabaram por adotar a denominação e os fundamentos do novo paradigma, como no caso emblemático de Armand Mattelart, fundador da EPC francesa, depois de ter sido um dos fundadores da perspectiva crítica do imperialismo cultural latino-americana. Os limites apontados a esta última derivavam, em grande medida, da sua pressa em incorporar, no debate marxista sobre comunicação e cultura, sob a influência do estruturalismo althusseriano, a problemática do imperialismo. A crítica, por sua vez, visava substituir a desgastada metáfora da base e da superestrutura por uma definição da comunicação como forma social. Tratava-se, portanto, de uma espécie de reencontro teórico com os fundamentos do materialismo dialético, operando num elevado nível de abstração e, ao mesmo tempo, capaz de notar as particularidades da ação imperialista em nossos países.

Na conjuntura dos anos noventa do século passado, com o fim da chamada Guerra Fria, o tema do imperialismo ficava em segundo plano no debate acadêmico no campo da comunicação, em um momento em que a própria EPC estava dedicada principalmente ao enfrentamento do pensamento pós-moderno, com sua ideologia do fim da história e das grandes narrativas. Mas o problema nunca esteve ausente e o retorno da crise de hegemonia dos Estados Unidos e os novos intentos de retomada trouxeram-no novamente ao primeiro plano.

É claro que as contradições são de toda ordem e o pensamento crítico que a EPC latino-americana representa dispõe hoje de ferramentas mais sofisticadas que aquelas dos anos setenta, embora também seja verdade que o forte ativismo daqueles anos ainda não se manifestou de forma contundente neste novo século. Por outro lado, é preciso levar em conta que a situação é de extremo perigo, pois o sistema vive uma crise profunda e, nessas condições, a barbárie, o genocídio e o caos avançam. Por outro lado, a situação atual não deve ocultar que a história não segue em linha reta. As crises também suscitam respostas à esquerda. A comunicação também pode ter um papel positivo, revolucionário, na superação dessa condição e na construção de uma nova sociedade, justa e igualitária.

É com essa perspectiva que lançamos o dossiê "Imperialismo, informação, comunicação e cultura na fase da digitalização", organizado por pelos doutores Farooq Sulehria (Beaconhouse National University, Paquistão), Jonas Valente (Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará e Instituto de Educação Superior de Brasília) e Fabrício Zanghelini (pós-doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Economia da Universidade Federal de Sergipe). Os desafios deste tempo atravessaram a organização deste

número. O professor Farooq Sulehria, também editor do periódico paquistanês Jeddojehad, foi, nos últimos meses, perseguido pelo governo do Paquistão e teve seus familiares e sua residência alvos de uma operação das forças armadas do país. Uma situação aberta de repressão que motiva a nossa profunda solidariedade.

No Brasil, enfrentamos uma eleição marcada por agressões dos Estados Unidos, especialmente por meio das plataformas digitais, que têm praticado toda sorte de censura para influenciar a disputa política brasileira. Disputa esta fundamental, do ponto de vista imperialista, para a execução do projeto da chamada Doutrina Donroe, uma mistura de Donald e Monroe, que tem o objetivo de garantir a interferência dos Estados Unidos em quaisquer países da região, bem como da iniciativa denominada Pax Silica, tentativa do governo Trump de transformar as cadeias de abastecimento de IA e semicondutores em uma arquitetura de alianças sob o domínio estadunidense. O pensamento crítico em campos como o da Economia e da Comunicação mostra-se, uma vez mais, absolutamente necessário para compreender e intervir na realidade.

Além do Dossiê Temático, a seção Artigos e Ensaios reúne quatro trabalhos que abordam, sob diferentes perspectivas, as relações entre comunicação, poder, tecnologia e sociedade. Os textos discutem a nova política de comunicação de Cuba; os desafios jurídicos e políticos à regulação das plataformas digitais no Brasil; as contradições do mercado de carbono e da mobilidade ativa, examinadas à luz da colonialidade ambiental e do esvaziamento do pensamento decolonial; e as estratégias de envolvimento com a alteridade em ações de comunicação brasileiras premiadas internacionalmente. Em conjunto, os artigos contribuem para a reflexão crítica sobre políticas de comunicação, transformações tecnológicas, disputas socioambientais e práticas comunicacionais contemporâneas.

Por fim, este número marca o início de uma nova etapa da política editorial da Revista EPTIC, que passa a ser conduzida por Helena Martins, editora-chefe desde 2020, em conjunto com Jonas Valente (PPGCOM/UFC e IESB) e Manoel Dourado Bastos (UEL). A adoção do modelo de três editores-chefes busca fortalecer o trabalho coletivo, distribuir as responsabilidades editoriais e ampliar a capacidade de articulação com diversos setores e de interlocução com pesquisadores e pesquisadoras de diferentes países. O objetivo de fortalecer a perspectiva da EPC também se traduz em um novo direcionamento editorial. O foco e o escopo da revista passam a ter a seguinte orientação: “Trata-se de um periódico científico de alcance internacional, cuja missão é constituir um espaço de diálogo crítico entre a Economia Política da Comunicação (EPC) e outros campos acadêmicos, contribuindo para a produção de conhecimento sobre a realidade social e para a reflexão crítica capaz de incidir sobre os processos de transformação social. Nesse sentido, recomendamos que os textos submetidos apresentem, de forma central ou articulada, diálogo com o marxismo e com a Economia Política da Comunicação, com especial atenção à produção brasileira e latino-americana. Valorizamos, ainda, trabalhos que estabeleçam interlocução com artigos e debates já publicados no periódico, contribuindo para dar continuidade ao diálogo acadêmico proposto pela revista”.

Boa leitura.

César Bolaño e Helena Martins, pela equipe editorial